

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ÁREA DE FRONTEIRA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRÁTICAS DOCENTES EM ESCOLAS ESTADUAIS DE AMAMBAÍ (MS) <sup>1</sup>**

Patricia Franco Luciano<sup>2</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista as características culturais do município de Amambaí (MS), próprias de sua condição fronteiriça, o presente artigo objetivou identificar e analisar as práticas docentes para o desenvolvimento de temas e questões que envolvam os conceitos de território, lugar e fronteira dos professores de Geografia de algumas escolas estaduais da cidade, trazendo à baila as dificuldades dos docentes quanto às questões socioculturais inerentes às escolas em área de fronteira. A metodologia e técnicas de pesquisa utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e documental e a aplicação de um questionário aos docentes. Como síntese à análise dos dados coletados, apresentamos no último item deste artigo uma discussão referente ao pronunciamento dos professores em interlocução com as características das escolas pesquisadas, cujo panorama indica para uma superação de posicionamentos discriminatórios e a promoção da valorização da dignidade humana no processo escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fronteira. Território. Lugar. Ensino de Geografia. Educação.

**ABSTRACT:** In view of the cultural characteristics of the city of Amambai (MS), own their border condition, this paper aims to identify and analyze the teaching practices for developing themes and issues involving the territory of concepts, and place the border Geography teacher some state schools in the city, bringing up the difficulties of teachers about the socio-cultural issues inherent to schools in border areas. The methodology and research techniques used were bibliographical and documentary research and the application of a questionnaire to teachers. As a summary analysis of the collected data, we present the last item of this article a discussion regarding the pronouncement of teachers in dialogue with the characteristics of the surveyed schools, whose outlook indicates for overcoming discriminatory positions and to promote the appreciation of human dignity in the school process.

**KEYWORDS :** Frontier . Territory. Place. Geography Teaching . Education.

### **1 Introdução**

O principal objetivo deste trabalho foi identificar e analisar formas de trabalho, bem como os recursos didáticos utilizados pelos professores de Geografia das escolas estaduais de Amambaí

---

<sup>1</sup> Graduada em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>2</sup> Este trabalho é oriundo do resultado final de uma pesquisa desenvolvida via Programa de Projetos de Pesquisa na Licenciatura (PROLICEN), do programa de licenciatura em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), orientado pela Prof. Dr. Flaviana Gasparotti, concluído em 2012.

(MS) para desenvolver temas e questões que envolvam os conceitos de território, lugar e fronteira tendo em vista as características culturais do município próprias de sua condição de fronteira. Além disso, também procuramos identificar e analisar as necessidades e dificuldades dos professores de Geografia relativas ao contexto sociocultural das escolas localizadas em áreas de fronteira.

Amambaí, município localizado na faixa de fronteira, entre Brasil e Paraguai, do qual se encontra a 45 km da cidade de Capitan Bado, 90 km de Pedro Juan Caballero sendo essas respectivamente cidades paraguaias. Devido à proximidade limítrofica e também devido ao contexto cultural do território encontra-se uma significativa presença dos descendentes de imigrantes paraguaios. No ambiente escolar, a presença de alunos de ascendência paraguaia possibilita um contato entre culturas e através dele uma nova configuração identitária pode ser formada.

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia utilizada envolveu os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica e documental, identificação de escolas estaduais de Amambaí que possuem alunos de origem paraguaia matriculados e aplicação de questionário junto aos professores de Geografia atuantes nas escolas selecionadas.

O presente trabalho foi organizado da seguinte forma: no item “Refletindo sobre a fronteira” apresentamos uma breve discussão baseada na sistematização das principais ideias dos autores lidos que refletem sobre a fronteira; no item “A Educação e a escola em área de fronteira” discutimos algumas questões também pautadas nas leituras realizadas, procurando destacar os problemas e dificuldades existentes nas nessas escolas em áreas de fronteira; no item “A pesquisa realizada nas escolas estaduais de Amambaí (MS)” discorreremos sobre a pesquisa realizada nas escolas estaduais do município de Amambaí apresentando as informações obtidas nas entrevistas realizadas com os professores de Geografia.

Por fim, nas considerações finais apresentamos as conclusões em relação à realidade das escolas estaduais de Amambaí no que diz respeito à presença de alunos de origem paraguaia nas mesmas.

## **2 “Refletindo sobre a fronteira”**

Quando paramos alguém na rua e perguntamos se para ele é fácil discutir fronteira, essa pessoa, com certeza, nos dirá que sim. E se perguntarmos o que é a fronteira, rapidamente nos responderão que é uma linha que separa dois estados ou países. Essa é a ideia construída ao longo

dos anos em que estudamos no ensino básico. No entanto, a discussão sobre fronteira inclui questões mais complexas como a multiculturalidade, interculturalidade, troca de culturas que vão muito além dos limites físicos e tais aspectos são discutidos rapidamente, como menos importantes, no que diz respeito à temática da fronteira. Isso gera, de modo geral, um entendimento limitado quando vamos pensar e conceituar a fronteira.

Discutir a fronteira nos parece uma tarefa fácil num primeiro momento, no entanto não é o que acontece. Vários autores nos trazem o conceito de fronteira procurando destacar elementos que complemente essa concepção mais imediata e restrita aos limites político-administrativos.

Albuquerque (2006) *apud* Pereira (2009, p. 108) entende as fronteiras como “[...] fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder, de conflitos variados e de distintas formas de integração cultural”. Raffestin (1993, p. 165), por sua vez, nos traz também um conceito no qual a fronteira é pensada “[...] como uma zona de contato, é uma linha Imaginaria de separação, que se cristaliza e se torna então ideológica, pois justifica territorialmente as relações de poder”.

Sendo assim, somos levados a compreender que, anteriormente cultura era considerada uma construção hegemônica, local e restrita, hoje com a aberturas das fronteiras após a intensificação dos movimentos promulgados pela crescente globalização o convívio das pessoas de diferentes grupos se faz corriqueiro, de tal maneira a caracterizar um novo conceito sobre a concepção de cultura. A cultura agora é heterogênea e sobrevive nessa heterogeneidade, ganha novos arranjos e se dissemina, o território continua fixo, mas a cultura se desterritorializa. Encontramos esta concepção nas palavras de Oliven:

Se antigamente as culturas tendiam a ser associadas a um território e a identidades definidas, o que se verifica atualmente é um cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais. Uma manifestação simbólica que surge num contexto migra para outros e é recontextualizada. É claro que essa adoção não é passiva e implica sempre reelaboração. Isso significa que as culturas se tornam cada vez mais híbridas (2006, p. 166).

Através das várias perspectivas pela qual se pode olhar a fronteira, podemos analisá-la como um contracenso, no sentido de que ao mesmo tempo em que é o limite de uma nação, que define lado A e B, é também a comprovação da inexistência destes dois, e abre a possibilidade no espaço-tempo para outra identidade. Pois a relação entre as pessoas que ali habitam é tão constante e intensa que esse limite simplesmente deixa de existir.

Pesavento (2002, p. 37) menciona que a fronteira é “ambivalente porque comporta dois estados de ser e ambíguo porque traz consigo uma promessa de superação no tempo, na possibilidade de ser outro, um terceiro”. Tratando-se de uma fronteira tão fluida, assim como no convívio de qualquer grupo heterogêneo, implica-se que o pertencimento e as características da população do local influenciam na relação lá existente. E é por isso que entender a alteridade nesse contexto fronteiriço é extremamente importante. Para Pesavento (2002, p.36), alteridade é a definição de quem somos, mas sempre em relação ao outro e, na fronteira, o outro está muito próximo e é bem diferente daquilo que somos, pois pertence à outra raça, a outra língua, a outros costumes.

Assim, de acordo com Pereira (2009, p.107): “[...] nas áreas de fronteiras há toda uma forma cultural ocasionada pelos contatos que se pulverizam em face da presença de contingentes populacionais oriundos de diferentes localidades”. Isso quer dizer que nas linhas fronteiriças existem fluxos de pessoas que carregam consigo as mais diversas culturas; pessoas que migram de seus países para tentar uma vida melhor em outro país.

Podemos compreender, então, que a fronteira vai além do conceito relativo a um limite físico, ela vai muito além de uma linha imaginária, ela é ideológica e tem implicações diretas no cotidiano das pessoas.

Fica o entendimento de que fronteira não pode ser concebida como um espaço físico final, de limitação de uma nação, mas ao contrário, consiste num ponto de partida, que permite que se estabeleça contato entre os espaços, contato esse que favorece a construção de identidade mediante a interação cultural.

Em síntese, a fronteira agrega especificidades que demandam, no mínimo, ações conjuntas dos países envolvidos. No que se refere ao ensino de geografia, se faz de suma importância um debate entre os envolvidos (Brasil/Paraguai) para que se crie e estabeleça parâmetros curriculares do qual seja compartilhado em escolas de ambos os lados. De maneira que o objetivo final seja inserir dentro de sala de aula temas que discutam a heterogeneidade e a alteridade cultural em que vivem. Colaborando para o intercambio cultural e a quebra de determinados preconceitos e estigmas. Pois as condições de existência na fronteira tocam a todos que residem nessas áreas, portanto, a fronteira é uma zona constante de fluxos e complementaridades e a educação cumpre um papel fundamental na integração.

O tópico a seguir aborda exatamente essa questão.

### **3 “A escola e a educação nas áreas de fronteira”**

A escola nesse contexto de fronteira é tomada como um campo privilegiado para o encontro e o diálogo entre diferentes grupos culturais. Pensando esse contexto, é importante analisar o modo como o currículo escolar desempenha tal papel. Como ele foi pensando, se atende à demanda de discussões que o ambiente escolar necessita e etc. Pois o mesmo quando mal elaborado e pensado para cada especificidade acaba por discrimina as origens culturais de seus alunos ao tentar impor uma educação comum e homogeneizadora. Assim feito traz uma grande dificuldade a criação de oportunidades educacionais que abracem as questões fronteiriças. Esse é um dos fatores responsáveis pelo visível sentimento de desinteresse dos alunos que alegam não compreender o fato da existência de determinado conteúdos. Um desinteresse que perpassa a própria disciplina de geografia.

Na opinião de Pereira (2009) para se tratar da educação em áreas de fronteira hoje, é necessário abandonar o viés denunciata e pautar as análises em perspectivas reais. Nos dias atuais, a fronteira vem se desenhando num espaço cada vez mais peculiar e influente quando se tratam dos aspectos educacionais, linguísticos e sociais presentes nesse local. De acordo com a autora:

No Brasil, o tema de fronteira é pouco estudado nas ciências sociais, e em especial na Educação (FEDATTO, 1995; CITRINOVITZ, 1996; PEREIRA, 2002; CENTENO, 2006), bem como pouco refletido nas políticas públicas, em razão talvez da tradição institucional nacional brasileira em relação às suas fronteiras, sejam elas simbólicas, políticas ou, como em alguns casos, fruto do entrecruzamento das duas vertentes. É notório que aspectos educativos da área de fronteira, até recentemente, tenham sido tratados nas políticas educacionais nacionais, regionais e locais de forma unilateral e homogênea, isto é, sem se considerar a singularidade fronteiriça que se pressupõe, no mínimo, relações bilaterais (PEREIRA, 2009, p. 54-55).

Olhando para a história do Brasil, podemos constatar que séculos depois da colonização das áreas continentais mais centralizadas dos países que compõem o continental sul-americano, nota-se ainda que as diferenças culturais, criadas pela divisão territorial em que Portugal e Espanha dominaram e nortearam os destinos das, então, colônias, praticamente tolheram a criação de políticas públicas que prestigiassem o entrelaçamento regional (PEREIRA, 2009).

No que diz respeito às escolas de fronteira, Peñalongo (2003) *apud* Pereira (2009) compreendeu que há novas características nesse contexto que estão a demandar não somente uma

revisão curricular dos espaços educativos, mas caminhos de lutas, de resistências, de liberação e de ações culturais. O país estava carente de política, programa ou projeto para o campo educacional na área de fronteira em todo território nacional.

Mas, segundo Pereira (2009) tal situação não permaneceu cristalizada, embora em compasso lento e burocrático, as políticas educacionais aos poucos vão sendo materializadas e hoje vivenciamos um tempo de transição, um tempo diferente, nele estão se instaurando novas ações e interpretações na educação em áreas de fronteira, as quais trazem em seu bojo conteúdos integracionistas, que aproximam brasileiros de seus vizinhos latino-americanos.

Na opinião da referida autora, sem dúvida, um marco na promoção de uma educação integracionista é a efetivação das escolas bilíngues, mas sua viabilidade vem sendo ameaçada pela indiferença em relação ao “outro”, no caso, os países sul-americanos. A língua é para as áreas de fronteira o elemento principal a ser focalizado numa discussão curricular. Em sete países, dos dez com os quais o Brasil faz fronteira, o espanhol é usado como língua oficial e em outros que se usam diversos dialetos indígenas. Sendo assim, a língua é um dos grandes desafios a ser vencidos nas áreas de fronteira, visto que nestas residem uma população diferenciada pela língua, pelos costumes, pelas crenças e pelos saberes. Não é possível desconsiderar que essas questões afetam as realidades educacionais das escolas de fronteiras internacionais.

No caso do estado de Mato Grosso do Sul, Pereira (2009) destacou que o mesmo possui 1.091 escolas (públicas e particulares) de Educação Básica na área da fronteira. A título de exemplo, em Ponta Porã, a autora observou que o número de estudantes matriculados é maior que o número de habitantes da mesma faixa etária, o que nos leva a concluir que há um grande número de alunos paraguaios nas escolas brasileiras.

Segundo a autora: “No ano de 2002, 6.400 crianças paraguaias estudavam do lado brasileiro, demandando por parte do poder público de Ponta Porã, ou seja, do lado brasileiro uma política de expansão de vagas, sem elementos anteriores que justifiquem os investimentos em novas escolas.” Tal fato, mais uma vez, reforça a ideia de que países fronteiriços precisam trabalhar juntos, com iniciativas conjuntas.

#### **4 A pesquisa realizada nas escolas estaduais de Amambaí (MS)**

Com base nas reflexões teóricas realizadas envolvendo a problemática da fronteira e dos processos educativos nessas áreas, passamos a investigar a situação do município de Amambaí

(MS) localizado na faixa de fronteira com o Paraguai, (45 km de Capitan Bado e 90 km de Pedro Juan Caballero). A pesquisa foi realizada em três escolas estaduais desse município que oferecem Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano.

Participaram da pesquisa as seguintes escolas estaduais: Coronel Felipe de Brum, Vespasiano Martins e Fernando Correia da Costa, nas quais foram pesquisados quatro professores de Geografia atuantes no Ensino Fundamental.

A seguir, apresentamos quadros nos quais sistematizamos as respostas dos professores para cada uma das questões constantes no questionário:

### Quadro 1

<b>Como você analisa a presença de alunos de origem paraguaia na escola brasileira? Isso traz problemas e dificuldades nas aulas de Geografia ou não? Se sim, quais os principais problemas e dificuldades referentes à presença desses alunos nas aulas de Geografia?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“A falta de vivência não me deixa ter uma opinião específica formada, devido à falta deles na nossa cidade. Mas de modo geral não se vê problemas em ter alunos de tal origem na sala de aula”.
<b>PROFESSOR B</b>	“De maneira positiva, pois trazem consigo seus costumes, cultura, hábitos e folclore, as dificuldades são compensadas pelo intercâmbio cultural por eles processados. No entanto, essa é uma visão particular, pois aqui em nossa cidade a presença desses alunos muito rara se faz”.
<b>PROFESSOR C</b>	“A presença desses alunos é muito válida, pois eles trazem uma nova cultura para os colegas, enfrentam alguma dificuldade com a linguagem, mas nada que não possa ser contornado a seu favor. Esses alunos de origem no Paraguai são bem raros na sala de aula”.
<b>PROFESSOR D</b>	“Quase não nos deparamos com esses alunos na sala de aula, no entanto quando isso acontece, há uma preocupação com o rendimento desses alunos oriundos do Paraguai e o posicionamento das mesmas nas turmas, considerando dois aspectos especiais: 1º- legislação educacional do município e a respectiva grade curricular. 2º que na maioria das vezes os alunos não nos trazem a documentação que comprove a escolaridade no País de origem, o que dificulta a análise de ementa e também a questão da obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa. Essas preocupações visam maneiras de aproveitar toda a cultura, hábitos e costumes que eles trazem consigo para com o restante da sala”.

Fonte: Questionário Aplicado.  
LUCIANO, Patrícia F., 2012

De acordo com as respostas, percebemos que os professores reconhecem a validade cultural de ter esses alunos em sala de aula, reconhecem o pluralismo e o intercâmbio cultural. No entanto, no que diz respeito à dificuldade e a realidade em se ter esses alunos na sala de aula, as respostas não foram muito categóricas, na medida em que se vivencia muito pouco essa situação nas escolas do município. Apenas um dos professores mencionou a preocupação com o rendimento e posicionamento desses alunos nas turmas de acordo com a legislação educacional brasileira e documentação de origem dos alunos.

### Quadro 2

<b>Você precisa fazer alguma mudança em sua forma de trabalho por causa da presença de alunos de origem paraguaia em suas aulas? Se sim, quais?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“Não pelo fato de não os ter. Mas acredito que a dificuldade maior seria na disciplina de português”.
<b>PROFESSOR B</b>	“Sim. Pequenas intervenções são necessárias para a adaptação do linguajar que se difere em muitos momentos”.
<b>PROFESSOR C</b>	“Acredito que a mudança estaria em sempre estar atenta aos conteúdos e trazer para a sala com ênfase as discussões que envolvam a cultura dos mesmos, para que se sintam parte envolvida das aulas”.
<b>PROFESSOR D</b>	“Tendo a presença desses alunos os conteúdos que foram alterados na grade curricular para atender essas especificidades são tratados com maior atenção. Visto do ponto de vista dos conteúdos, pois os alunos que chegam as escolas já chegam familiarizados com a língua, raramente se precisa fazer alterações nesse sentido”.

Fonte: Questionário Aplicado.  
LUCIANO, Patrícia F., 2012

Mais uma vez, a falta de experiência dos professores com alunos de origem paraguaia dificultou a resposta dos mesmos. No entanto, dois dos professores apontaram a língua como uma maior dificuldade e, sendo assim, uma adaptação nessa área se faz necessária. Os outros dois apontaram os conteúdos como uma dificuldade possível de adaptações, para que os conteúdos que envolvam os mesmo, como por exemplo, a Guerra do Brasil e Paraguai não fiquem com uma abordagem unilateral.



### Quadro 3

<b>Em relação aos conteúdos trabalhados, é necessária alguma mudança ou adaptação devido à presença desses alunos? Quais as principais dificuldades em relação aos conteúdos?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“Na estrutura do Estado atual não se tem essa flexibilidade. São poucos os que contemplam tal discussão”.
<b>PROFESSOR B</b>	“Poucas. Correções geográficas de localização, pontos cardeais, fuso horário, diferença entre Departamento, Estado, País, Nação, etc”.
<b>PROFESSOR C</b>	“Na realidade poucas são as alterações feitas, cabe ao professor identificar aqueles conteúdos que podemos trabalhar com mais ênfase devido à presença desses alunos”.
<b>PROFESSOR D</b>	“São poucas as alterações, mais também temos outras disciplinas como história e artes que também contemplam alguma discussão que possa ser correlacionada com esses alunos de origem paraguaia”.

Fonte: Questionário Aplicado.  
LUCIANO, Patrícia F., 2012

Todos os professores apontaram que são poucas as mudanças que são feitas, o primeiro professor nos diz que o Estado não dá essa flexibilidade para trabalhar com os conteúdos. Já outro nos diz que cabe ao professor analisar aquilo que se pode trabalhar com mais ênfase e possivelmente dar uma “escapada” no conteúdo e falar mais sobre a parte que envolve os vizinhos paraguaios. Outro professor nos fala das alterações físicas da parte geográfica como localização, fuso horário, diferença entre Departamento, Estado, País, Nação e etc. O último professor nos fala também das alterações que podem ser feitas nos conteúdos que retratam a história na qual os dois países estão envolvidos. De forma geral, a ênfase dada foi em relação aos conteúdos quanto à necessidade de mudança ou adaptação.

### Quadro 4

<b>Em relação aos conceitos de território, lugar e fronteira – considerando a diversidade da fronteira e a presença desses alunos de origem paraguaia – como procura trabalhá-los? Quais os recursos didáticos utilizados para isso?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“Utilização de mapas, que envolvam a questão territorial; nas séries iniciais Google Earth, Maps, sala de tecnologia em geral; lugar – vivências do aluno, traços com o lugar que mora, a família, exemplificando a sua vivência. Já no médio, procuro trabalhar com

	discussões de Milton Santos”.
<b>PROFESSOR B</b>	“Basicamente localização tem muito haver com orientação, se você se localiza na sua rua, bairro, cidade se localiza no mundo se torna mais fácil. Utilizamos mapas, globos, data-show. Google e etc”.
<b>PROFESSOR C</b>	“Utilizar o referencial de localização que o próprio aluno carrega consigo, e a partir daí desenvolver a disciplina. Em uma maneira mais direta além das aulas explicativas, em alguns conteúdos como o de localização, por exemplo, se faz necessário a utilização de mapas, sala de tecnologia e seus recursos”.
<b>PROFESSOR D</b>	“Utilização de mapas, sala de tecnologia e troca de experiências com a sala que os façam identificar no seu dia a dia esses conceitos”.

Fonte: Questionário Aplicado.  
LUCIANO, Patrícia F., 2012

Todos os professores apontaram a perspectiva de localização como a mais importante a ser trabalhada em relação aos conceitos de território, lugar e fronteira e para isso usam recursos tecnológicos e didáticos como mapas e textos. Dois professores deram a entender que também buscam trabalhar a questão do conhecimento de tais conceitos já acumulados pelos alunos e, a partir daí, desenvolver os conceitos com eles. No entanto, percebe-se que estão muito mais preocupados com a forma conteudista de se trabalhar tais conceitos. Mais uma vez, a questão da adaptação e visão intercultural do conhecimento trazido por parte desses alunos é de certa forma até reconhecida, mas se vê pouco interesse em se trabalhar com eles.

### Quadro 5

<b>Como trabalha especificamente o conceito de fronteira? Em que contexto? Em qual ano? Há um conteúdo específico ao qual relaciona esse conceito? Qual?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“Conceituar fronteira aparece no 7º ano, com definições básicas, mas a discussão ampla não aparece em nenhum conteúdo específico é trabalhado em um conteúdo ou outro do qual se encaixam. Mas o foco de discussão básica é como limite e bem pouco a questão cultural. Já no médio que a discussão vai se ampliar”. OBS: Muito fraca a discussão no ensino fundamental.

<b>PROFESSOR B</b>	“Fazendo comparação com os animais que marcam seu território e buscando diferenciar limite de fronteira, 6º e 7º ano, são iniciados e fortalecidos nos demais conteúdos, paisagem, lugar, fronteira e limite”.
<b>PROFESSOR C</b>	“Como estamos falando de ensino fundamental e a própria discussão se faz pouco presente nesses anos, a fronteira vai aparecer como limite apenas, no entanto desde ai já trazemos para o aluno mesmo que de forma leve, os conceitos de fronteira além de limites territoriais, mas sim também como cultura, costumes e etc.”.
<b>PROFESSOR D</b>	“Trazendo para seu cotidiano aquilo que ele poderia pautar como fronteira, já que vivemos uma área de fronteira. E, além disso, trabalhar também não só o conceito limítrofe, mas sim o também que envolve as fronteiras culturais”.

Fonte: Questionário Aplicado.  
LUCIANO, Patrícia F., 2012

Percebemos, com base nas respostas, que os professores identificam a questão da fronteira como pouco discutida nessas séries, a discussão se faz de forma sucinta e básica, com conceitos básicos. No entanto, segundo os mesmos afirmaram, procuram destacar a fronteira como além de uma linha que separatória. Apontam que essa discussão só se aprofunda nos anos do Ensino Médio.

#### Quadro 6

<b>E para você, o que significa a fronteira? Qual sua concepção sobre a fronteira?</b>	
<b>PROFESSOR A</b>	“Seria toda região que sofre influência cultural, econômica e social da faixa de fronteira, com características próprias”.
<b>PROFESSOR B</b>	“Existe hoje uma tendência mundial para que as fronteiras se tornem menos vigiadas, facilitando assim, as intervenções entre os países, seja eles econômicas, raciais ou culturais”.
<b>PROFESSOR C</b>	“A fronteira não é apenas uma linha que divide regiões, ele é também um elemento de comunicação bissocial que assume uma função reguladora. Gosto muito dessa definição dada por (RAFFESTIN)”.
<b>PROFESSOR D</b>	“A fronteira, ela é uma linha de contato, uma linha imaginária de separação que, no entanto, aproxima culturas”.

Fonte: Questionário Aplicado.

LUCIANO, Patrícia F., 2012

Nesta questão, os professores claramente identificam e reconhecem a fronteira como muito mais que uma linha de divisão, mas sim também de intercâmbio cultural, como citou o professor D, uma linha que separa, mas aproxima culturas.

Verificamos que os professores possuem conhecimento teórico sobre o que tange a presença de alunos oriundos de outras nacionalidades podemos por assim dizer, no entanto a realidade é que a falta de experiência com esse tipo de aluno dificulta enormemente um debate e uma prática que contemple toda a questão em si. Pressupondo à reduzida discussão que ocorre sobre o assunto conforme destacado anteriormente, a preocupação conteudista por parte dos professores e por fim a própria ausência desses alunos em sala de aula, fatores que tornam esse debate apático.

## **5 Considerações finais**

A pesquisa realizada nas Escolas Estaduais de Amambaí (MS) nos deu a possibilidade de observarmos que mesmo o município estando em uma área de grande influência da fronteira, tendo muitas pessoas oriundas do Paraguai, são pessoas que como dito pelos professores, já estão familiarizadas com a língua, com os costumes, com a música, com a comida, enfim, de certa forma, já estão bastante integrados à cultura brasileira. Um dos professores pesquisados, em uma conversa posterior à entrevista chegou a identificar os paraguaios presentes no município como “passivos”, na medida em que até mesmos as crianças que estão nas escolas de Amambaí já nasceram no Brasil ou vieram muito pequeninas para a cidade.

Devido a tal “passividade” caracterizada pelo professor, a questão que envolve a fronteira fica um pouco distante, apesar da proximidade com o país vizinho e de haver pessoas oriundas do mesmo dentro da cidade. Mas destaca ainda que no quis respeito às escolas, identifica a passividade como algo natural. Preferindo por não usar a palavra passivo, pois ele remete a uma aceitação de alguma imposição. O que para ele não contempla a realidade. E nos propõe uma pequena reflexão.

O professor diz perceber que de todos os alunos paraguaios que teve em sala aula, vieram para o Brasil ainda bebês de colo e há também aquelas que já nascem em solo brasileiro.

Ou seja, são crianças que crescem no Brasil, dominam a língua portuguesa antes de chegar ao ensino fundamental, antes de iniciar a vida escolar melhor dizendo. E que nunca se deparou com alunos adolescentes, por exemplo, que tenham acabado de se mudar para o Brasil. De tal maneira que os identifica com passivos, no entanto aponta entender ser um processo natural devido ao padrão de trajetórias que se da com a vinda das crianças muito pequenas para o Brasil.

Apenas a título de comparação, em pesquisa de campo que realizamos na disciplina Geografia da População nas cidades de Coronel Sapucaia (MS) e Capitan Bado (Paraguai) que são as duas cidades de fronteira mais próximas de Amambaí, pudemos observar o relatado. As pessoas moradoras de lá, têm o mesmo sentimento de unidade, como se não houvesse ali duas culturas diferentes. Aqueles que mantêm sua cultura de forma mais severa são os mais antigos que pouco contato tem com o lado brasileiro. A cultura Brasileira tende a ser dominante sobre a Paraguaia.

Pautados nos textos, podemos apontar como causa a tal “passividade”, o estigma étnico, que faz com que se estabeleça um distanciamento do próprio grupo. Como se culpassem a sua identidade por lhe acarretar constrangimentos perante os colegas brasileiros, que são considerados mais inteligentes, desenvolvidos, obtentores da tecnologia e etc. Sendo assim, de modo geral a cultura brasileira acaba por ser dominante nesta faixa. Acabam por ouvir massivamente músicas brasileira, assistem canais de tv brasileira, ouvem os canais de radio, seguem as tendências da moda e etc. Mas é importante salientar que o inverso também acontece.

Um dos professores pesquisados nos apontou que a fronteira, em uma perspectiva de cultura, no caso de Amambaí é outra. As diferenças culturais mais gritantes seria a cultura indígena, pois esses bravamente resistem e se impõem à cultura branca, assim chamada por eles. Sendo assim, no caso de Amambaí todas as adaptações de conteúdo, preocupação com a língua, enfim, todas as atenções no que diz respeito a questões educacionais com grupos distintos, se voltam para os indígenas, pois é este o grupo mais presente no município.

Por muitos anos, os alunos indígenas estudaram nas escolas da cidade no ensino regular; atualmente, estão estudando em escolas indígenas, algumas estão dentro da própria aldeia, outras dentro da cidade. Desta forma, identificamos tal questão como um fator importante para futuras pesquisas em Amambaí.

Com todo o caminho percorrido, analisado e discutido, podemos então compreender que o grande desafio da escola em áreas de fronteira é investir na superação da discriminação e dar a

conhecer a riqueza representada pela diversidade étnica e cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola como local de diálogo, de convivência, é espaço privilegiado para o reconhecimento e respeito aos valores culturais que são valores universais, e as questões da diversidade cultural ao serem tratadas como ética universal possibilita um trabalho ético na educação.

Por fim, é importante destacar que a realidade das escolas de Amambaí (MS) – embora seja um município de faixa de fronteira – é distinta daquela encontrada em Ponta Porã (MS) conforme demonstram os estudos de Pereira (2009) e Terenciani (2011). A diferença principal, a nosso ver, se deve ao fato de Amambaí não se localizar junto a um município paraguaio geminado, como ocorre com Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Tal fato, sem dúvida, implica numa relação de fronteira menos intensa, provavelmente muito diferente do que ocorre em Coronel Sapucaia, município distante 50 Km de Amambaí, mas que está geminado com Capitan Bado, do lado paraguaio.

## **6 Referências**

CANDAU, Vera M. F. Sociedade, Cotidiano e Culturas: Uma aproximação. **Revista Educação e Sociedade**, ano XXIII, Nº 79, agosto/2002, p. 125-161.

\_\_\_\_\_. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. e CANDAU, V. M. (orgs.) **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 13-37.

FEDATTO, Nilce A. S. F. Educação em Mato Grosso do Sul: limitações da escola brasileira numa divisa sem limites na fronteira Brasil-Paraguai. In: OLIVEIRA, Tito M. de (Org.) **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed. da UFMS, 2005, p. 491-510.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa M. M. de (Org.) **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Ed. Biruta, 2003, p. 83-105.

OLIVEN, Ruben G. Territórios, fronteiras e identidades. IN: SCHÜLER, Fernando e BARCELLOS, Marília de A. (Orgs.) **Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 157-166.

PEREIRA, Jacira H. do V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. In: **Revista Múltiplas Leituras**. Jan/Jun. 2009, v. 2, n. 1, p. 51-63.

PESAVENTO, Sandra. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org). **Fronteiras Culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

TERENCIANI, Cirlani. **Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.